

A comunicação violenta da violência: uma análise de discurso crítica sobre o caso Lázaro Barbosa

The violent communication of violence: critical discourse analysis on the Lázaro Barbosa case

Jhussyenna Reis de Oliveira¹

RESUMO

Na atualidade, as informações circulam de forma instantânea e impactam a formação ideológica e discursiva dos cidadãos. O problema é que a produção e distribuição dessas informações ainda são controladas por grandes empresas, que na busca pelo domínio do mercado, podem reproduzir discursos violentos. Nesse sentido, esta pesquisa objetivou investigar, à luz da Análise do Discurso Crítica (ADC), o discurso jornalístico sobre o caso do criminoso Lázaro Barbosa. Condenado e declarado foragido, Lázaro foi alvo de uma grande operação policial, na região entre Goiás e Brasília – episódio este que teve ampla cobertura jornalística no país. A Teoria Crítica do Discurso é o cerne desta pesquisa, especificamente a partir da abordagem Dialético-relacional cujo autor base é Norman Fairclough. A metodologia foi construída com o apoio das categorias Significado de Palavras e Intertextualidade, mobilizadas em prol do Significado Acional e do Significado Representacional, respectivamente. Já o *corpus* foi constituído por seis matérias publicadas no final do primeiro semestre do ano de 2021, época em que se deu o evento analisado. Percebeu-se que tanto as escolhas lexicais presentes na construção das notícias, quanto as vozes incluídas pelos jornalistas nos textos foram responsáveis por colocar Lázaro em um lugar sobre-humano, tratando-o de forma animalésca de modo a reforçar discursos discriminatórios presentes na sociedade.

Palavras-chave: Violência. Discurso jornalístico. Análise de Discurso Crítica.

ABSTRACT

Nowadays, information circulates instantly and impacts the ideological and discursive formation of citizens. The problem is that the production and distribution of this information is still controlled by large companies, which, in their search for market dominance, can reproduce violent speeches. In this sense, this research aimed to investigate, in the light of Critical Discourse Analysis (CDA), the journalistic discourse on the case of criminal Lázaro Barbosa. Convicted and declared a fugitive, Lázaro was the target of a major police operation in the region between Goiás and Brasília – an episode that received wide journalistic coverage in the country. Critical Discourse Theory is the core of this research, specifically from the dialectical-relational approach whose main author is Norman Fairclough. The methodology was built with the support of the Meaning of Words and Intertextuality categories, mobilized in favor of Actional Meaning and Representational Meaning, respectively. The corpus consisted of six articles published at the end of the first half of 2021, the time when the analyzed event took place. It was noticed that both the lexical choices present in the construction of the news and the voices included by journalists in the texts were responsible for placing Lázaro in a superhuman place, treating him in an animalistic way in order to strengthen the discriminatory discourses present in society.

Keywords: Violence. Journalistic speech. Critical discourse analysis

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Docente da Universidade Federal do Piauí (UFPI) no Programa de Formação de Professores (PARFOR) e da Secretaria Estadual de Educação do Maranhão (SEDUC/MA). Teresina/PI, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7663-5796>. E-mail: profjhussyenna@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O texto jornalístico é atravessado por uma constante disputa de poder que está presente em todos os estratos sociais e que se materializa no campo discursivo. Há, entretanto, uma particularidade: os grupos hegemônicos, que se apropriam da produção jornalística, amplificam de modo descomunal o seu impacto social, uma vez que praticamente toda a atividade de uma comunidade está sujeita a ser retextualizada² jornalisticamente. Imagine um produto na esteira da fábrica: as práticas sociais ganham embalagens e são, então, distribuídas em larga escala.

Tratando nessa ótica, temos a impressão de que a notícia é fruto direto de um processo de manipulação unilateral, baseada na lógica do mercado em primeiro lugar. Entretanto, a realidade é muito mais complexa. Nesse sentido, uma vez que o processo de produção passa pela disputa de poder e está sob a lógica mercadológica, é preciso considerar o outro lado da moeda: quais são as demandas desse mercado? O consumidor que legitima a produção das notícias é a própria sociedade, pois é analisando índices de audiência, assinaturas, *likes* e compartilhamentos que as grandes corporações definem a sua linha editorial. Nessa ótica, encaixa-se a perspectiva de Sólito (2010, p. 5) quando lembra que o discurso da mídia é fruto da simbolização "gerada pelos sujeitos que, assim, tanto podem ser vistos como produto de uma sociedade que os sufoca e aliena quanto produtores de uma sociedade alienante".

Na teoria do jornalismo, encontra-se um termo chamado valor-notícia que é pertinente a essa discussão. Sousa (2005) explica que, durante o processo produtivo das notícias, a etapa de seleção não depende apenas da subjetividade do repórter, mas está sujeita a um conjunto de valores os quais ganharam, com o passar do tempo, um *status* de aparato técnico reconhecido dentro do campo jornalístico.

Já Verner (2019), em seus estudos, propôs uma revisão da teoria dos valores-notícia. O autor ressalta que o jornalismo on-line inaugurou a chamada "Cultura dos cliques" e defende que as novas métricas – mais instantâneas de acompanhar a audiência – sejam também reconhecidas como um valor-notícia. De fato, a audiência, a partir da comunicação digital, tornou-se mais palpável dentro da lógica de mercado que sustenta as empresas de comunicação e ganhou um fator extra para mover a pressão diária nas redações, que disputam a publicação mais rápida dos fatos.

Perceba que há, portanto, uma rede complexa que gerencia a publicação de notícias e controla a produção de informações cujo coração norteador é, especialmente, a lógica do capital. Nesse sentido, seria incoerente considerar de forma simplista a relação dos jornalistas com essas estruturas de poder, mas "atribuir a eles a culpa pelas deformações no sistema de informação pública é um erro de pessoa, equivalente a culpar os físicos pela bomba atômica e os biólogos pela guerra bacteriológica" (Lages, 2005, p. 52).

Até aqui exponho, em sentido macro, como funciona a lógica de produção das notícias, mas fazendo um recorte mais prático de como se materializa o tratamento de uma informação até que chegue ao público, temos ao menos duas estratégias bem definidas: o processo de identificação e o de contextualização. De acordo com Hall *et.al.* (1993), o jornalista consegue produzir significados a partir dos fatos que saem do padrão, explorando identificações culturais e sociais. Um caso de estupro, por exemplo, é sempre considerado noticiável porque existe uma cultura machista em evidência e isso implica a existência de

² Esse termo foi extraído de Marcuschi (2001), que usa a retextualização para se referir à passagem do texto oral para o escrito. O autor explica ainda que se trata de um processo complexo, sujeito a interferências, tanto no código quanto no sentido.

peças dentro da audiência que se identificam com esse conteúdo, pois reconhecem esse contexto como legítimo.

À vista disso, Fairclough (2001, p.112) explica que a prática discursiva envolve o processo de produção, distribuição e consumo textual. Para ele, os textos são produzidos de formas particulares, em contextos específicos e o consumo desses textos segue a mesma lógica. "Alguns textos conduzem a guerras ou à destruição de armas nucleares, outros levam as pessoas a perderem o emprego ou a obtê-lo, outros ainda modificam as atitudes, as crenças ou as práticas das pessoas".

Dessa maneira, esta análise foi norteadada pelo objetivo de investigar, à luz da Análise do Discurso Crítica (ADC), o discurso jornalístico sobre o caso do criminoso Lázaro Barbosa. A teoria mencionada é conhecida como a vertente inglesa dos estudos do discurso e tem, por essência, a conexão da análise textual, análise linguística e análise sociológica. O linguista britânico Norman Fairclough foi um dos integrantes do grupo responsável pela sistematização dos estudos críticos do discurso, além de ser o representante da abordagem denominada Dialético-Relacional, uma das vertentes da ADC.

Em Fairclough (2001), é exposto que há uma relação constitutiva entre as duas práticas: a discursiva e a social. Assim, discurso e sociedade estão imbricados de modo que o estudo linguístico leva à compreensão do social e, mais do que isso, o autor defende que a mudança discursiva implicará na mudança social. Isso faz da ADC um construto teórico e metodológico engajado socialmente que visa desvelar os discursos dominantes.

Firmado nesses preceitos, o presente trabalho está organizado em dois momentos: a análise de conjuntura e a análise linguístico-discursiva – para esta foram utilizadas as categorias Significado de Palavras e a Interdiscursividade. A primeira categoria está ligada ao Significado Acional do discurso – que foca a ação do gênero; já a segunda, está ligada ao Significado Representacional – que contempla a representação discursiva.

Assim, este artigo torna-se relevante socialmente, pois contribui para ampliar o entendimento sobre a violência na sociedade brasileira, mais especificamente, a violência simbólica relacionada ao discurso da imprensa. Parte-se do pressuposto de que a prática sensacionalista não está marcada apenas no explícito, mas é ainda mais danosa, quando envolve a própria ordem do discurso. Essa análise deve ainda inquietar a própria sociedade ao ressaltar que as estruturas ideológicas que embasam tanto a ação quanto a reação violenta não estão atreladas unicamente às empresas de comunicação, mas estão naturalizadas dentro da estrutura social e, como tal estrutura não é totalmente estável, há um espaço de resistência que pode (e deve) ser acionado em busca de mudanças sociais.

2 A VIOLÊNCIA NOSSA DE CADA DIA

De acordo com o Atlas da Violência³, publicado em 2021, o país registrou 62.151 mortes – um número que inclui os casos de homicídios comprovados mais os casos de "morte violenta" sem a causa especificada. Números, entretanto, causam impactos momentâneos e são rapidamente deletados da memória social. Por outro lado, narrativas individualizadas de casos violentos têm livre acesso aos lares dos brasileiros por meio dos mais variados meios de comunicação.

A violência, enquanto prática social, sempre ocupou um lugar de privilégio no discurso jornalístico, uma vez que se encaixa facilmente nos seus critérios de noticiabilidade e acaba

³ Publicação que fez um balanço dos índices de violência no país, tendo como base os anos de 2018 e 2019, cujos órgãos responsáveis foram o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

gerando valor-notícia de grande impacto na produção jornalística cotidiana. O que causa inquietação é que mesmo nos dias considerados pós-modernos, em que já circulam no imaginário social discursos mais humanizados – em busca de respeito, equidade e justiça social – ainda assim, práticas da chamada imprensa marrom⁴ aparecem constantemente na imprensa brasileira.

Fato é que a produção jornalística tem o poder de converter determinada narrativa em algo especial e ganhar espaço no imaginário coletivo, ora pelo medo ora pelo ódio. Qualquer um desses sentimentos implicará consequências sociais diretas. O medo pode cultivar o caos social, ao tempo em que fortalece o criminoso, deixando-o em um espaço de conforto para suas ações. Já o sentimento de ódio pode fomentar a ideia de justificação, ou seja, a exaltação de uma justiça punitiva, incluindo a chamada "justiça com as próprias mãos". Há ainda um outro aspecto a ressaltar, que é o papel da notícia violenta para o cidadão, veja que:

A cultura da violência é promovida pela mídia como uma resposta ao cotidiano social que busca combater a rotina, proteger-se e livrar-se do perigo, em uma negação que equivaleria a uma pessoa dizer "ainda bem que não aconteceu comigo". Não importa mais a informação, mas o quanto o elemento violência é capaz de ser mantido a fim de expiar a angústia dos indivíduos (Carvalho; Freire e Villar, 2012, p. 436).

Isso significa que consumir narrativas violentas também implica efeitos psíquicos no cidadão-espectador, especialmente no sentido de fomentar o desejo de manter o distanciamento dessa violência: que a vítima seja somente o "outro" e jamais eu. Em parte, esse tipo de constatação nos leva a refletir também sobre o congelamento da empatia, fazendo com que as pessoas representadas nas situações violentas sejam vistas como personagens, que em um primeiro contato, causam comoção, mas assim que a narrativa se encerra, tendem a cair no esquecimento.

O próprio modo de produção dos discursos jornalísticos sobre a violência é que faz a cobertura de um crime – cujo autor é um homem branco e de classe média alta – ter sempre uma perspectiva diferente de um crime cujo autor é um homem negro. Quando os jornais fazem a descrição dos autores de crimes violentos, em geral, informam apenas o gênero, a idade e a condição de trabalho.

Em conformidade a isso, Sólito (2010, p. 9) explica que os veículos de comunicação fomentam a exclusão e o preconceito à medida que apagam as especificidades dos indivíduos e promovem diferenças entre os membros de uma comunidade, cujo resultado maior será estabelecer certos estereótipos. Como a população negra é majoritária na composição social do país, ela também é a que está ocupando os espaços mais periféricos da área urbana, incluindo assim, as áreas com altos índices de criminalidade.

Nessa lógica, a população que mais figura como vítima da violência urbana é a de pele negra, mas os destaques nas matérias jornalísticas não garantem que se faça uma análise por esse ângulo. O foco da imprensa é sempre para a figura do criminoso, nesse caso, o "negro-criminoso" – é nesse momento que um projeto de dominação social se sustenta e passa despercebido por milhões de brasileiros. A vítima negra quase nunca recebe tanta atenção e logo cai no esquecimento, mas o criminoso negro, por outro lado, ganha manchetes e capas, fotos de todos os ângulos e, certamente, será acompanhado até o desfecho das investigações:

⁴ Trata-se de um termo pejorativo, baseado na expressão norte americana *yellow press*, usado para se referir ao jornalismo sensacionalista, sem compromisso ético e voltado unicamente para os picos de audiência.

Nos adequamos a ler o outro como objeto representativo e não mais como sujeito real, ameaçando, assim, perder o contato com a realidade. Não freamos nosso ímpeto e agimos com violência em discursos que ditam o caos. É uma violência velada, que não parte de um ato violento, nem de um indivíduo específico. Mas nem por isso menos visível, nem menos brutal. Para superar a barbárie, devemos parar de agir como robôs, devemos reconhecer no outro nossa imagem e semelhança e restabelecer a fé nas pessoas. Por fim, o diálogo deve ser restituído, talvez, apenas assim passaremos a coexistir (Marta, 2016, p.173).

Veja que enxergar o outro como objeto provoca uma reação em cadeia: o indivíduo passa a ler um mundo narrado por outros e o medo passa a ser um parâmetro facilmente convertido em ódio. A resposta ao medo é a busca pelo justicamento, pelo linchamento, pelo sofrimento do criminoso noticiado. E, sem perceber que esses atos também são atos violentos, o cidadão impulsionado pelo discurso jornalístico acaba legitimando o ódio ao corpo negro, já que esse corpo representa aos seus olhos a barbárie da sociedade e ali já foi desprovido de qualquer humanidade.

3 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: A BASE TEÓRICO-METODOLÓGICA

A Análise de Discurso Crítica é orientada linguística e socialmente. Essa marca está fincada em uma visão dialética da linguagem. Para a ADC, o poder da linguagem é compreendido a partir de sua relação com as próprias estruturas sociais. Esse poder se sustenta discursivamente, manifesta-se por meio dos diversos gêneros e vai sendo legitimado por instituições sociais ao longo da história. Nesse sentido, Chouliaraki e Fairclough (1999, p.19) argumentam que a própria vida é "um sistema aberto em que qualquer evento é governado por mecanismos operacionais que atuam simultaneamente".

Nesse complexo sistema encontram-se diferentes níveis como os eventos, a estruturas e as práticas sociais. Esta última é composta pelo discurso, atividade material, relações sociais e os fenômenos mentais. Todos esses elementos encontram-se de tal modo articulados que, inevitavelmente, um interfere, modifica ou define/redefine o outro:

Uma vez que a relação entre linguagem e sociedade é teorizada como interna e dialética, não é possível desvincular a ação discursiva da organização social, o que permite realizar crítica social com base no que se realiza no momento discursivo, como consequência da articulação entre seus momentos internos e em sua relação com outros momentos das práticas sociais (Acosta; Resende, 2014, p. 131).

O discurso é, portanto, um momento da prática social que, por sua vez, se relaciona com todos os demais elementos do sistema de uma maneira dialética. Resende e Ramalho (2004) destacam duas formas de interação entre os momentos da prática social: a internalização e a articulação. Para as autoras, cada momento de uma prática internaliza outros momentos, enquanto a articulação funciona como a fonte da criatividade no discurso; é pela articulação de determinados momentos da prática que uma hegemonia se estabelece e se sustenta.

Após situar o discurso como um momento da prática, fica mais fácil perceber o porquê de a análise crítica lançar mão de um arcabouço complexo que não admite uma análise exclusivamente textual. Paralelamente, é importante lembrar que, para a ADC, o texto permanece como a unidade básica de toda análise. Isso acontece devido à existência do aspecto dialético-relacional entre a linguagem e o social: é ele que permite afirmar que a linguagem tem um papel constitutivo na prática social, ou seja, ela não é apenas um meio, mas uma espécie de auto engrenagem: ao tempo em que alguns textos desempenham um papel transformador da sociedade, outros textos atuam fortalecendo ideologias danosas à boa coesão social.

O que se percebe nas proposições de Fairclough (2001) é que os textos funcionam como instrumentos de poder. É por meio deles que os indivíduos agem no mundo, ainda que essa ação subjuga determinados grupos de pessoas a uma condição de exclusão no acesso aos mais variados direitos. Entretanto, como via de mão dupla, o caminho que naturaliza dominações é o mesmo que pode enfrentá-las. Assim, observe que: se textos, contextos e discursos foram usados para fomentar a escravização de povos; novos textos, novos contextos e novos discursos podem representar forte estratégia para estimular a liberdade e igualdade de valores entre esses mesmos povos. Isso porque “toda hegemonia é um equilíbrio instável e a ADC, como prática teórica emancipatória, trabalha nas brechas ou aberturas existentes em toda relação de dominação” (Resende; Ramalho, 2004, p. 196).

Portanto, fica evidente que há uma instabilidade na hegemonia. Assim, um aspecto que também precisa ser destacado na vertente dialético-relacional é que toda análise deve considerar a situação histórica do problema. Fairclough (2001) explica que a ADC analisa as relações dialéticas entre as semioses e os outros elementos de práticas sociais, tendo foco nas mudanças da vida social contemporânea. Conclui-se, nesse ponto, que situando os textos e os discursos historicamente, é possível identificar práticas que estão internalizadas e articuladas em outras, bem como conhecer os motivos que levam determinadas representações sociais a serem legitimadas em detrimento de outras.

Magalhães (2005, p. 28), ao se referir à Teoria Social do Discurso, explica que ela pode ser considerada revolucionária e ideológica, uma vez que se propõe a transformar as relações de dominação existentes por meio de novas práticas discursivas. A autora também destaca que tanto discurso quanto a vida social têm gerado teorias diversas em diferentes disciplinas e que, a ADC com sua proposta transformacional, “analisa o discurso a partir de perspectivas diferentes, contribuindo para o enriquecimento mútuo das diversas teorias e, principalmente, para o desenvolvimento de uma metodologia mais abrangente”.

Com o foco na mudança social, é natural que ADC privilegie os temas mais emergentes e seu olhar vislumbre sobre a modernidade ou pós-modernidade. Ao expor alguns conceitos dessa pós-modernidade, Giddens (1991) explica que uma das coisas que caracterizam esse tempo é a disparidade com o passado e mostra que a construção da reflexividade atual esbarra em uma quantidade considerável de informações que circundam o social. O mundo tradicional, no qual os poderes dominantes eram sustentados especialmente por fenômenos mentais como crenças, lendas e valores, já não existe dessa forma. No mundo atual, as informações abundantes e distribuídas na velocidade da luz, são os verdadeiros sustentáculos das relações de dominação. Enquanto isso, o conhecimento enfrenta uma crise de credibilidade e novos “conhecimentos” a serviço do poder ajudam a legitimar ideologias que garantem a manutenção das desigualdades sociais.

Note que a ADC está intrinsecamente ligada à questão social, inclusive, a análise começa com um problema que se realiza enquanto prática da sociedade. No presente recorte, por exemplo, o problema social é a própria violência e se realiza por meio do discurso jornalístico sobre a violência. Apesar deste viés ser aparentemente bastante explorado, é emergente que se problematize no escopo da ADC, pois ela atua com vistas à mudança social, tensionando as relações de poder.

Em suma, cabe lembrar ainda que, de acordo com Van Dijk (2017, p. 21), “o uso da linguagem, do discurso, da interação verbal e da comunicação pertencem ao nível micro da ordem social; já o poder, a dominância e a desigualdade entre os diferentes grupos pertencem ao nível macro da análise”. Nesse contexto, o autor também explica que é nesse espaço entre micro e macro que a análise de discurso crítica reside, na medida em que

conecta essas duas abordagens, por isso coloca-se a ADC com um construto teórico-metodológico e não uma teoria propriamente dita.

Ademais, é importante entender que o estudo do discurso na ADC parte de uma perspectiva tridimensional. Fairclough fincou as bases da sua análise textual em estudos anteriores atribuídos, principalmente, a Halliday – teórico que fomentou a chamada Linguística-Sistêmico Funcional. Assim, foi Halliday quem explorou o caráter multifuncional da linguagem e propôs três macrofunções que atuariam de forma simultânea nos textos: a ideacional, a interpessoal e a textual.

Nesse contexto, Resende e Ramalho (2004) explicam que a função ideacional trata da representação das ideias e experiências humanas; a função interpessoal trata do modo de agir dentro do contexto de interação social e a função textual inclui todos os aspectos exclusivos dos textos que corroboram com as funções desempenhadas por eles. Vale reforçar que essas macrofunções atuam de modo integrado e isso significa que elas estão presentes em todos os tipos de enunciados como elementos funcionais que compõem o próprio significado. Fairclough, em um diálogo teórico, fez uma articulação entre as macrofunções de Halliday e os conceitos de gênero, discurso e estilo. Assim, ele adaptou a ideia das macrofunções para a proposta de três significados: Acional, Representacional e Identificacional.

Portanto, para a análise linguístico-discursiva, selecionei duas categorias: o Significado de Palavras e a Intertextualidade, que aqui foram mobilizadas tendo em vista o Significado Acional e o Significado Representacional, respectivamente. Entendo que o gênero é um fator de destaque pois é constituinte do fenômeno em questão e, por isso, toda a discussão é orientada a partir da própria estrutura genérica da Notícia. Já o significado representacional é contemplado aqui, uma vez que o discurso (e os discursos) identificados conseguem relacionar um modo específico de representar o outro, especialmente quanto à ação violenta.

A categoria Significado de Palavras ocupa-se do emprego de determinadas palavras em determinados contextos, levando em consideração que o vocabulário social é dinâmico e pode ser particularizado de acordo com a situação (Bessa; Sato, 2018). Já a categoria Intertextualidade possui vasta abordagem na literatura, mas Fairclough (2001, p. 135) defende que “o conceito de intertextualidade aponta para a produtividade dos textos, para como os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar as convenções existentes (gêneros, discursos) para gerar novos textos”. Nesse sentido, as duas categorias juntas tendem a esmiuçar o gênero Notícia, uma vez que tanto a escolha das palavras, quanto a escolha das vozes está atrelada à prática social do jornalista – que, por sua vez, é condicionada por um sistema mercadológico mais complexo do que o público imagina e mais nocivo do que o próprio criminoso em evidência.

4 ANÁLISE DA CONJUNTURA

Lázaro Barbosa Sousa foi um brasileiro, negro, de 32 anos, considerado foragido da justiça no dia 9 de junho de 2021. Natural da Bahia, Lázaro já acumulava uma lista de crimes, quais sejam: duplo homicídio em 2007, roubo e estupro em 2009, homicídio/roubo e estupro em 2018, cárcere privado/ invasão de propriedade/ tentativa de homicídio/ quatro homicídios em 2021 entre outros. De acordo com as informações públicas sobre o caso, Lázaro já havia sido preso e fugido várias vezes, sendo a mais recente em 2018, quando fugiu

por uma falha no teto da sua cela, acompanhado de mais três presos – ele foi o único que não foi reconduzido após a fuga.

Quatro anos depois, uma tragédia, que resultou na morte de quatro pessoas da mesma família, causou um pânico na população do município de Ceilândia, no Distrito Federal (DF). Rapidamente, o caso tomou uma proporção nacional. A produção de notícias que tratavam da cobertura, bem como a circulação dessas notícias nas redes sociais, comprovam a grande repercussão que o assunto obteve no país.

Foram 20 dias de busca para a prisão do acusado, sendo mobilizados cerca de 270 policiais, com trabalho por terra e cobertura aérea. Entre as informações públicas sobre a operação de busca pelo foragido, tem-se que ele andava sempre sozinho, trabalhava como carroceiro e dormia na mata, por isso teria vários esconderijos e uma grande vantagem: o conhecimento geográfico apurado daquela região. Essa vantagem atrelada à sua imprevisibilidade foi um agravante para a operação policial que foi marcada por trocas de tiros, casas invadidas, propriedades roubadas, incêndios e um enorme sentimento de pânico que se estabeleceu na poluição local.

Por fim, no dia 28 de junho de 2021, Lázaro foi “capturado” pelos policiais, porém chegou ao hospital já sem vida. Os fatos narrados oficialmente revelaram que, em confronto armado, mesmo após dada a voz de prisão, o acusado não se rendeu e continuou a desferir tiros contra os policiais que, por sua vez, revidaram. O boletim de ocorrência, divulgado na época desse desfecho, afirmou que a polícia teria atirado 125 vezes e relatou que 38 projéteis atingiram o corpo dele.

Do ponto de vista midiático, os 20 dias de perseguição vividos naquele mês de junho tornaram-se assunto em todo o país. Jornais diários noticiavam o andamento das ações policiais em prol da captura do acusado, por outro lado, notícias falsas, memes e discussões se tornaram abundantes na internet, especialmente nas redes sociais. Nesse sentido, foi possível agrupar a ênfase das notícias e discussões em três momentos, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1: Organização cronológica do evento analisado

Início da perseguição	Andamento da perseguição	Desfecho com a morte de Lázaro
<ul style="list-style-type: none"> -Primeiras notícias; -Ênfase na ficha criminal de Lázaro; -Posicionamentos em prol da segurança pública; - Pânico das famílias locais; - O acusado é apelidado como 'serial killer do DF' 	<ul style="list-style-type: none"> Memes: -humor a partir da habilidade de fuga do acusado; - humor com a provável ineficiência das forças policiais; - proliferação de <i>fakenews</i>⁵ - O acusado é associado ao satanismo e bruxaria 	<ul style="list-style-type: none"> - questionamentos sobre a ação policial; - posicionamentos políticos em defesa da ação policial; - presidente Bolsonaro usa o termo “CPF cancelado” ao parabenizar ação policial; - O acusado é associado à possível quadrilha.

Fonte: Elaborado pela autora (Oliveira, 2022)

De acordo com o Quadro 1, percebe-se que as discussões foram mudando de acordo com o andamento da perseguição. Ainda que Lázaro implicasse em um caso de segurança pública, ações e falas políticas repercutiram ao longo do processo, inclusive as falas de oficiais envolvidos na operação, que foram veiculadas dentro das matérias jornalísticas. Veja que a visão sobre o criminoso também sofre uma mudança temporal: a princípio, o termo mais usado pelos repórteres é *serial killer*, depois há uma associação do acusado com a

⁵ Termo usado para se referir a notícias falsas: textos que usam o gênero notícia para propagar informações enganosas.

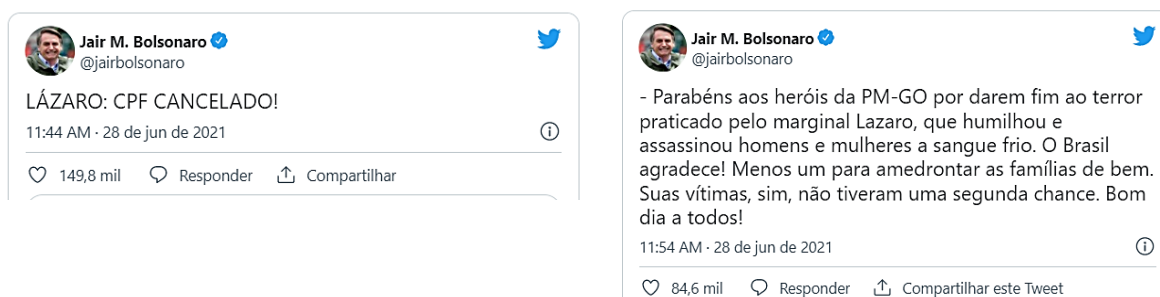
bruxaria e já no pós-morte surge uma informação – nunca comprovada – sobre a existência de uma possível quadrilha da qual Lázaro seria um integrante.

Dia após dia, a população acompanhava o andamento da operação e sucederam-se episódios de confronto que resultavam em policiais baleados e reiterados escapes do fugitivo. Nessa trajetória, Lázaro invadiu casas e fez reféns, afligindo famílias na região de Cocalzinho, em Goiás. Foram essas fugas sucessivas que renderam memes com humor e ironia abordando a perspicácia do criminoso, bem como gerando inúmeras críticas à atuação policial.

No dia 28 de junho de 2021, foi noticiado em âmbito internacional que a América do Sul passou a ser o epicentro mundial da pandemia. O Brasil, nesse mesmo dia, chegou à marca de 500 mil mortos pelo Coronavírus. É relevante destacar que o país vivia um momento ainda bastante delicado de enfrentamento à Pandemia da Covid-19. Essa época também foi caracterizada socialmente por um momento de engajamento das campanhas de vacinação, em que se instaurava uma polêmica: um grupo social colocava-se em defesa da imunização (inclusive da sua obrigatoriedade) enquanto outro grupo social se negava a receber a vacina, questionando a sua eficácia e possíveis efeitos colaterais. Nesse interim, o presidente da república Jair Bolsonaro, representante da direita enquadrado politicamente como parte da esfera ultraconservadora no país, manteve-se no centro das discussões sendo associado ao negacionismo da vacina e apontado pela Esquerda como um presidente negligente em relação ao combate à pandemia.

Nesse contexto – de crise sanitária e polarização política – uma postagem feita pelo presidente Bolsonaro, na rede social Twitter, virou notícia jornalística. Em seu *post* (Figura 1), ele se referiu ao desfecho da operação policial que terminou com a morte de Lázaro, confirmando a seguir:

Figura 1: Prints de postagens do presidente sobre o desfecho do caso.



Fonte: Twitter (2021)

O termo “CPF Cancelado” é um bordão usado em programas de jornalismo policial. Na época, o apresentador de TV, Sikêra Júnior, era a principal voz que utilizava essa expressão, em seu programa nacional e diário. O termo é usado para se referir a criminosos que são mortos durante ações policiais e pode ser atrelado também a uma das ideologias de Direita resumidas em outro jargão bastante popular: “Bandido bom é bandido morto”. Observe que a primeira parte da postagem do presidente alcançou quase 150 mil curtidas que, nesse caso funcionam como indicativo de uma resposta positiva à postagem, demonstrando um grande índice de concordância com o pensamento exposto.

Vale observar as palavras usadas pelo presidente como: terror, marginal, sangue frio e amedrontar. No discurso presidencial, essas palavras ganham maior impacto a partir do

lugar de fala⁶ atrelado a ele: enquanto presidente de Direita e declaradamente radical, o seu discurso atua legitimando a ideia de justificação. Assim, nessa postagem, o presidente aciona o poder político que detém e se comunica com seus eleitores, reforçando seus próprios preceitos e fortalecendo uma ideologia violenta – na qual, uma operação que termina em morte foi qualificada como heroica e bem executada.

5 ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA

É preciso ressaltar que todo o processo analítico em ADC é intercambiado com o social, assim essa divisão é somente para fins metodológicos. Nesta seção, portanto, a análise vai partir de aspectos linguístico-discursivos, com a aplicação das categorias selecionadas, sendo elas: a intertextualidade e o significado de palavras. Observe a seguir as matérias que foram selecionadas:

Quadro 2: Composição do Corpus.

Site	Título	Endereço eletrônico
Metrópoles	Evidências apontam que Lázaro tem ligação com bruxaria e fez rituais	https://www.metropoles.com/distrito-federal/evidencias-apontam-que-lazaro-tem-ligacao-com-bruxaria-e-fez-rituais
Pragmatismo Político	Pai de Lázaro Barbosa diz ter medo do próprio filho: “É um monstro”	https://www.pragmatismopolitico.com.br/2021/06/pai-de-lazaro-barbosa-diz-ter-medo-do-proprio-filho-e-um-monstro.html
Diário de Goiás	Caçador diz que “não adianta arma” para capturar Lázaro: “Estão caçando uma coisa oculta”, afirma	https://diariodegoias.com.br/cacador-diz-que-nao-adianta-arma-para-capturar-lazaro-estao-cacando-uma-coisa-oculta-afirma/
Yahoo Notícias	Itens de bruxaria e rituais são encontrados na casa de Lázaro	https://br.noticias.yahoo.com/itens-de-bruxaria-e-rituais-sao-encontrados-na-casa-de-lazaro-132840574.html
G1	'Ele é o chamado satanista', diz polícia sobre Lázaro Barbosa de Sousa, suspeito de chacina no DF	https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/06/14/ele-e-o-chamado-satanista-diz-investigador-sobre-lazaro-barbosa-de-sousa-suspeito-de-chacina-no-df.ghtml
CNN	Moradores da região onde foi feito cerco a 'serial killer do DF' relatam terror	https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/moradores-da-regiao-onde-foi-feito-cerco-a-serial-killer-do-df-relatam-terror/

Fonte: Elaborado pela autora (Oliveira, 2022)

5.1 Discussão a partir da categoria Significado de Palavras

A primeira escolha de palavras que destaque nesta análise são aquelas utilizadas para uma definição de Lázaro. Um conjunto de palavras particulares aparecem nesse corpus em prol da caracterização do criminoso, que foge ao vocabulário do jornalismo policial mais habitual. Por exemplo, palavras como “acusado, suspeito e foragido” são termos comuns em matérias desse nicho jornalístico. Observando a escolha lexical, a partir dos títulos principais, temos alguns destaques a fazer. Confira o quadro a seguir:

⁶ O conceito de Lugar de Fala é discutido por Djamila Ribeiro na obra “O que é lugar de falar?” (2017) e se refere ao direito à existência digna, à voz, no que tange ao *locus* social. Uma garantia de representatividade, especialmente nascida da luta dos direitos da mulher negra, mas que extrapola para as demandas de todas as outras minorias.

Quadro 3: Escolhas lexicais nos títulos das matérias.

Site	Título
Matéria 1 - Metrôpoles	Evidências apontam que Lázaro tem ligação com bruxaria e fez rituais
Matéria 2 - Pragmatismo Político	Pai de Lázaro Barbosa diz ter medo do próprio filho: "É um monstro"
Matéria 3 - Diário de Goiás	Caçador diz que "não adianta arma" para capturar Lázaro: "Estão caçando uma coisa oculta", afirma
Matéria 4 - Yahoo Notícias	Itens de bruxaria e rituais são encontrados na casa de Lázaro
Matéria 5 - G1	'Ele é o chamado satanista', diz polícia sobre Lázaro Barbosa de Sousa, suspeito de chacina no DF
Matéria 6 - CNN	Moradores da região onde foi feito cerco a 'serial killer do DF' relatam terror

Fonte: Elaborado pela autora (Oliveira, 2022)

Os vocábulos em amarelo são aplicados na caracterização de Lázaro. A palavra "bruxaria" aparece em binômio com "rituais". Nas duas matérias em que esses termos são evidenciados eles acompanham um discurso de credibilidade. Isso acontece porque se trata de um tema sensível e polêmico, pouco comum em matérias policiais cotidianas. Por isso, a palavra "evidências" (no Título 1) e a palavra "itens" (Título 4) são usadas como suporte de comprovação para a caracterização de Lázaro como um praticante de ocultismo. Ainda no Título 4, veja que a palavra "casa" implica na aproximação da prática com o suspeito – uma vez que os itens foram encontrados em sua própria casa trata-se de uma prova material da caracterização proposta pela matéria.

Os vocábulos "monstro" (Título 2), "coisa oculta" (Título 3) e "satanista" (Título 5) também corroboram para conectar a imagem de Lázaro ao ocultismo. Aqui é interessante abrir espaço para algumas pontuações: - a palavra monstro, em especial, aciona um imaginário de algo grotesco, suas ações criminosas são atribuídas à crueldade a ponto de serem associadas a algo sobre-humano, ou seja, monstruoso. Um fato a se observar, entretanto, é que os crimes de Lázaro não são especificados com características inéditas como a palavra em si induz o leitor a pensar. Na realidade, os crimes são citados objetivamente nas diversas matérias, sem caracterização específica que comprove uma prática criminosa de fato chocante, especialmente se comparada a outros crimes que já estamparam (e estampam) as manchetes dos jornais anteriormente. Esse ponto nos conecta diretamente como Tuzzo e Cirino (2016), quando os autores defendem a ideia do jornalismo como uma lupa, que amplifica a realidade a partir de escolhas que são institucionais e ideológicas. Dentro de tantos casos violentos, por que apenas Lázaro foi caracterizado como possível satanista? Note que o discurso do "bem contra o mal" parece caber bem nessa narrativa de jornalismo policial. Lázaro passa a ser um personagem e não um homem real, fugitivo das autoridades. O discurso atribui a ele um poder que supera uma faca ou revólver e, com isso, a narrativa tornou-se mais envolvente para o público que consumia diariamente as matérias.

Veja que o Título 2, usa os léxicos "Pai" e "medo" em uma construção que fomenta um choque social, uma vez que a afetividade parental possui dentro do senso comum um aspecto de "amor incondicional e intimidade", ou seja, tem-se agora um contraste quando se atribui ao pai o sentimento de "medo do próprio filho". Essa estratégia no título tem valor-notícia apropriado para a mídia e, ao mesmo tempo, age discursivamente provocando o distanciamento, cada vez maior, da humanidade de Lázaro. E, nesse sentido, é válido refletir sobre o processo de desumanização já marcado na história. Quando se trata de racismo,

por exemplo, essa é uma estratégia-base que usa aspectos específicos para articular a inferiorização do outro. De maneira análoga, Hitler fez a mesma coisa com as “raças” que considerou inapropriadas. O homem-branco-europeu também fez para oficializar e sustentar a prática da escravidão do negro africano. Portanto, retirar a humanidade do outro é uma forma de legitimar a sua inferioridade e, por conseguinte, justificar o ódio ao outro; ódio este que tem por instância final, o extermínio desse “outro”.

No Título 3 – Caçador diz que “não adianta arma” para capturar Lázaro: “Estão caçando uma coisa oculta” – veja a sequência de termos que conversam entre si no mesmo campo semântico (caçador / capturar / caçando e coisa). Esse conjunto de escolhas deslocam a figura de uma pessoa que, até o momento era judicialmente um criminoso foragido, para a figura de um verdadeiro animal. A palavra captura, por exemplo, não é incomum no discurso do jornalismo policial, entretanto, nessa construção, especialmente, ela acabou reforçando a ideia de “caçar um animal”. Ribeiro (2019) lembra da ação do Racismo Científico que, com base nas teorias biologizantes formuladas no século XIX, buscavam comprovar a inferioridade entre seres humanos; no sentido de justificar atos como a escravidão. Veja que essa estratégia de desumanizar o outro é, portanto, antiga na mesma medida em que é absurda. No caso de Lázaro, nota-se que as matérias foram taxativas em atrelar esse perfil de demônio/mostro ao criminoso. No grupo empresarial Globo, proprietário do site G1, houve a publicação de um pedido de desculpas pela abordagem e, posteriormente, a empresa apagou as matérias que tratavam do aspecto da bruxaria nesse caso.

A escolha lexical sofre ainda maior impacto quando se pensa na implicância do termo “coisa oculta”. Utilizado na citação direta, como sendo a voz do Caçador entrevistado, o título coloca em xeque novamente a perspectiva de uma ligação ao ocultismo ampliando automaticamente o nível de complexidade e grau de violência por parte do criminoso. É válido ressaltar mais uma vez: não se encontra descrita em nenhuma das matérias pesquisadas uma informação que comprove algo que caracterize Lázaro com uma violência sobrenatural.

O Título 5 usa a palavra “satanista” na caracterização de Lázaro e na segunda parte da oração aplica o vocábulo “suspeito”. Aqui é importante salientar o fato desse último vocábulo ser raro nas matérias do caso ao mesmo tempo em que a palavra pode ser até considerada incoerente na cobertura. Isso porque Lázaro é concretamente um criminoso condenado, em situação de fuga. Assim, somente os crimes mais recentes entrariam na esfera da suspeita. Desse modo, há evidências de que há uma confusão quanto à aplicação do léxico “suspeito”, usado em momentos equivocados ou usado com intuito de neutralizar a perspectiva do jornalista, uma vez que tratar o criminoso como suspeito pode isentar o redator de uma condenação prévia e imprópria aos olhos do seu público.

Por fim, no Título 6 – Moradores da região onde foi feito cerco a ‘serial killer do DF’ relatam terror – destaque o termo “*serial killer* do DF” que foi um dos primeiros usados na cobertura do caso devido ao impacto de mortos da mesma família, um fato que causou comoção social. Há um imaginário associado à aplicação desse léxico “*serial killer*” (no português “assassino em série”) pois é um termo estrangeiro que se refere a criminosos que atuam dentro de uma sequência criminal causando medo na população. Também está presente na cultura cinematográfica norte-americana a ideia do *serial killer* como um criminoso inteligente e astuto, que planeja bem as suas ações, como a escolha de suas vítimas, e tem um *modus operandi* bem específico.

Já o léxico “terror” foi destacado aqui por reforçar o medo social da violência noticiada. A palavra pode ser relacionada à área artística, uma vez que esse mesmo termo descreve um gênero literário e cinematográfico criado para usar a fantasia a favor do medo. No caso de Lázaro, todas as escolhas de palavras corroboram com a ideia de uma violência sobrenatural e imprevisível que não estava sendo contida pelas forças policiais e, esse contexto imediato, ajudou a formatar um sentimento de pânico social que, por outro lado, garantiu grande audiência aos veículos jornalísticos. Confira no quadro a seguir os termos compilados:

Quadro 4: Levantamento de vocábulos-chave.

Textos analisados	Palavras e expressões usadas para se referir à Lázaro
Matéria 1	Psicopata, satanismo, possuído, criminoso, assassino, seita, rituais
Matéria 2	Monstro, torturador, criminoso, “não é nem gente”, violento, bárbaro, agressivo
Matéria 3	Coisa oculta, praticante de bruxaria, <i>serial killer</i> ,
Matéria 4	Acusado, foragido, psicopata, mateiro, caçador,
Matéria 5	Satanista, suspeito, mateiro, psicopata, imprevisível, criminoso
Matéria 6	<i>Serial killer</i> do DF, autor de crimes, suspeito, foragido, “esse homem”,

Fonte: Elaborado pela autora (Oliveira, 2022)

Com base na compilação feita no Quadro 4, fica evidente a inclusão de termos que saem do padrão na cobertura de notícias policiais. As escolhas feitas em todos os exemplares desse corpus reverberam a construção de uma imagem demonizada e grotesca do criminoso.

Destaco a seguir um trecho de matéria que demonstra como esses léxicos são trabalhados dentro do corpo do texto. Isso é importante, pois há uma diferença de propósitos entre as partes do texto jornalístico. Nos títulos, observamos que palavras específicas geraram discursos que, consensualmente, atraem a atenção dos leitores. É de interesse público saber se há perigo de invasão de sua residência e esse argumento por si mesmo já é um forte elo de relevância para a atenção da população em geral. Agora, observe um exemplo dentro do texto:

Matéria 1 | site Metrôpoles

Os policiais que trabalham no caso o descrevem como **psicopata**. Itens ligados à **doutrina satanista** teriam sido localizados na residência dele, no Entorno do DF. Segundo a Polícia Militar de Goiás (PMGO), Lázaro alega estar **possuído por um espírito**. Ele também teria dito que “vai levar o tanto de gente que puder”. Conforme o tenente Gerson de Paula, Lázaro seria integrante de uma **seita**.

As informações teriam sido dadas pelo próprio suspeito a vítimas de um assalto que ele realizou em Goiás, no mês passado, segundo o tenente. Na ocasião, levou armas e celulares. Há indícios de que o criminoso pratica **os rituais** desde **a infância**.

A palavra “psicopata” aparece pela segunda vez nessa matéria, tendo sido citada também no seu subtítulo. O termo é próprio da área médica e define um transtorno de personalidade. De acordo com Ramirez (2021), o diagnóstico é feito por um profissional de psiquiatria por meio de um exame chamado Hare ou PCL-R e, entre as características desse transtorno, tem-se a falta de remorso, o narcisismo e a não responsabilização por suas atitudes. No senso comum, entretanto, o termo é aplicado a qualquer pessoa manipuladora e comumente associada a crimes hediondos. No trecho em questão, o discurso jornalístico atribui o consenso aos policiais – que são os únicos representantes técnicos com voz dentro

da matéria – mas, logo em seguida, segue a associação entre a psicopatia e o possível satanismo de Lázaro.

Essas escolhas incluem novos vocábulos como “possuído”, “espírito” e “seita” que mais uma vez reforçaram a teoria de uma ligação direta entre Lázaro e o sobrenatural. O caminho delineado na matéria, sem nenhum aprofundamento sobre as afirmações, deixa uma lacuna a ser preenchida pelos leitores que irão fazê-lo de formas variadas, com destaque para as características religiosas. É nesse momento que o jornalismo, ao demonstrar pouco esforço para esclarecer o real perfil do criminoso e focando na construção de um perfil grotesco, contribui para a disseminação dos diversos discursos de ódio. Vale ressaltar que as religiões de matrizes africanas, já são um alvo histórico de preconceito, à medida que são associadas com práticas satanistas e/ou condutas consideradas malignas (como sacrifícios de animais e até de pessoas). Além disso, existe a chamada “magia negra”, um termo ainda presente na atualidade que atribui práticas “malignas” à cultura africana, bem como promove uma associação da ideia do “negro” como algo condenável.

O léxico “infância”, que aparece na última linha do trecho, merece reflexão especial. Veja que mais uma vez não se tem fontes que ratifiquem a informação. Ela aparece no tecido textual da matéria como um elemento natural da composição do discurso e pode passar despercebido pelo leitor o fato de que o texto não cita nenhuma fonte concreta para quaisquer das afirmações relativas ao possível viés satanista.

Quando sugere “Há indícios”, o enunciador tenta amenizar a lacuna de veracidade e se detém a impor a ideia de que Lázaro é satanista desde criança. Essa afirmação, por sua vez, deu margem para uma das *fake news* que circularam sobre o caso e apontavam que a mãe de Lázaro era uma feiticeira. Entendo como grave a ligação entre o discurso jornalístico e o fomento de notícias falsas, como ocorreu em relação às citações sobre a mãe do criminoso. Outro ponto em aberto sobre a possível prática de rituais desde a infância é a inconsistência das especulações a respeito da família de Lázaro. Nesse contexto, dentro do discurso de vizinhos, o pai de Lázaro é caracterizado como um cidadão pacífico e cristão, de modo que se torna incoerente a afirmação de que a casa do pai guardava objetos de rituais ocultistas. Observe ainda:

Matéria 3 | site Pragmatismo Político

Sobre a chacina de Ceilândia, onde quatro pessoas foram brutalmente assassinadas por Lázaro, o aposentado se diz arrasado e chocado com a violência do próprio filho. “O que mais me dói é o desespero que aquela família sentiu e o que ele fez com aquela pobre mulher. **Isso** não é gente. **Isso** é um **monstro** da pior espécie”, disse.

Na vizinhança, o aposentado é descrito como um homem calmo, discreto e religioso. Agora, ele clama por **justiça**. “Eu não quero ele solto jamais. Porque estou com **medo** dele fazer mal a mim e a minha família. Olha só o que ele tá fazendo com todo mundo”, **revolta-se**.

Nesse fragmento retirado da Matéria 3, tem-se por foco falas do pai de Lázaro. Ele usa o pronome demonstrativo “isso” para se referir ao filho ao tempo em que completa a sua fala descrevendo o “isso” como um ser não-humano, um verdadeiro monstro. Em contraste, tem-se uma sequência de adjetivos sobre o pai: seria um homem “calmo, discreto e religioso”. Cria-se, portanto, um jogo de oposição entre o satanismo atribuído à Lázaro e a fé religiosa atribuída a seu pai. Nesse sentido, há mais um reforço discursivo para a destruição da humanidade em Lázaro.

O termo justiça, aplicado como forma de clamor do pai, vai ao encontro de um anseio comum na população brasileira, cujo histórico de violência integra a espinha dorsal da própria cultura. Entretanto, por qual justiça se está clamando? Se Lázaro não é humano, não é capaz de nutrir o mínimo de afeto (como fica claro nas matérias analisadas até aqui),

então, ele deve sofrer a justiça que é própria para um monstro? No mundo animal, como um predador é comumente detido? São questões como essas que não chegam ao imaginário social, mas que se encontram diluídas por entre esses discursos. Um termo que arremata essa reflexão é o “revolta-se”: que tipo de justiça o sentimento de revolta faz aflorar? Observe que atribuir a revolta ao próprio pai do criminoso, acaba legitimando que ele não é digno de ser visto com outros olhos a não ser como um monstro sem direitos e, portanto, Lázaro já não é digno de um tratamento cidadão. Encontram-se também elementos vocabulares que modulam entre uma assertiva e uma possibilidade. Veja no trecho a seguir como o jornalista aplica verbos no futuro do pretérito abrindo espaço para a especulação sobre essas informações:

Matéria 1 | Metrôpoles

Segundo a Polícia Militar de Goiás (PMGO), Lázaro **alega** estar possuído por um espírito. Ele também **teria dito** que “vai levar o tanto de gente que puder”. Conforme o tenente Gerson de Paula, Lázaro **seria** integrante de uma seita.

Assim, a construção resultou em um discurso confuso que expõe possibilidades sobre fatos do passado dentro de alegações no tempo presente (alega estar possuído). Nesse ponto, vale lembrar de uma premissa jornalística que é a objetividade. Ela prevê o uso de linguagem clara e não dúbia na condução das informações apuradas.

Figura 2 Print da foto divulgada sobre possível ligação satânica de Lázaro.



Fonte: Extraído da Matéria 3 do corpus (2022)

Na Matéria 4, cuja abordagem foca o possível aspecto satânico do caso, uma foto da residência de Lázaro mostrava uma parede com a palavra: “satan”. Este é um léxico que em si mesmo carrega um aspecto muito forte no discurso do grotesco que estava sendo fomentado a respeito de Lázaro. Nessa mesma matéria, uma fala atribuída ao Secretário de Segurança, aplica a palavra “ritual” para se referir ao *modus operandi* do criminoso. Nesse sentido, a palavra ritual induz o leitor a imaginar um processo macabro na conduta do crime, mas ao fim, pela descrição na própria matéria, tem-se somente duas características específicas da atuação de Lázaro: ele pedia que as vítimas se despissem e costumava usar de violência nas mortes, deixando marcas de cortes pelo corpo. Não há acréscimos, com elementos específicos, que ligassem de fato as ações do criminoso com possíveis práticas satanistas.

5.2 Discussão a partir da categoria Intertextualidade

O primeiro aspecto intertextual que destaco é a identificação das vozes que compõem as matérias, bem como o papel que essas vozes desempenham ao serem

inseridas no texto. Para melhor visualizar essas informações, veja o Quadro 5 que sintetiza os pontos identificados, fazendo uma abordagem das vozes globalmente, ou seja, a partir do corpus completo:

Quadro 5: Vozes e representação do discurso nas matérias.

Fonte	Vozes	Representação do discurso e retextualização
Matéria 1	Jornalista/ Redação	Sem marcas explícitas, retextualização narrativa
	Polícia	Discurso indireto; descrição de Lázaro
	Lázaro	Discurso direto, porém, a fonte tem dupla retextualização
	Tenente Gerson de Paula	Discurso indireto
	Secretário de Segurança Pública de Goiás, Rodney Miranda	Discurso direto, informações técnicas sobre a operação
	Matheus da Silva, 27 anos (testemunha)	Discurso direto, pista sobre paradeiro do foragido
Matéria 2	Jornalista/ Redação	Sem marcas explícitas, constitui histórico familiar do foragido
	Pai de Lázaro	Discurso direto, informações sobre a constituição familiar de Lázaro
	Correio Braziliense	Discurso indireto, dados da narrativa familiar
	Vítima do estupro de 2009	Discurso direto, narrativa que detalha conduta violenta do criminoso
Matéria 3	Jornalista / Redação	Sem marcas explícitas, retextualização narrativa
	Jornalista Rosana Melo	Discurso indireto, contexto da fonte
	Caçador Thiago Silva	Discurso direto, narrativa e argumentação sobre a perspectiva de captura de Lázaro
Matéria 4	Jornalista / Redação	Sem marcas explícitas, retextualização narrativa
	Secretário de Segurança Pública de Goiás, Rodney Miranda	Discurso indireto e direto; descrição e relato do caso, juízo de valor sobre o foragido
Matéria 5	Jornalista / Redação	Sem marcas explícitas, retextualização narrativa
	Polícia	Discurso indireto e direto, juízo de valor sobre o foragido
	Sem fonte	Discurso direto, definição técnica-conceitual sobre satanismo
Matéria 6	Jornalista / Redação	Sem marcas explícitas, retextualização narrativa
	Moradores da região	Discurso indireto, relato de medo
	Paulo de Souza Monteiro, de 58 anos (cidadão local)	Discurso direto e indireto, relato de medo
	Polícia	Discurso indireto, caracterização de Lázaro
	Amanda Tavares, 24 anos (cidadã local)	Discurso direto, relato de perda de clientes pelo medo
	secretário de Segurança Pública de Goiás, Rodney Marques	Discurso direto e indireto, relato sobre andamento das ações
	Conceição Aparecida, de 53 anos (membro de um grupo de oração da comunidade)	Discurso direto, inserção da religiosidade local frente ao momento de pânico

Fonte: Elaborado pela autora (Oliveira, 2022)

De modo geral, a voz do jornalista que representa a redação não deixa marcas explícitas de posicionamentos, fato que está atrelado à linguagem técnica própria da área.

A ideia de imparcialidade jornalística reside justamente nessa característica e usa a superfície textual – que é a mais facilmente percebida pelo leitor – como âncora para encobrir os posicionamentos assumidos tanto pessoalmente quanto institucionalmente. Em outros termos, apesar de todas as matérias não expressarem (na superfície) um posicionamento direto sobre a imagem de Lázaro, um senso de justificação ou mesmo o discurso de ódio, essas mensagens podem ser desveladas no campo discursivo. Uma prova disto está na escolha das vozes que entram na composição de cada matéria. É também nesse sentido que a primeira parte dessa análise demonstrou o poder acionado em cada léxico escolhido: cada oração formada e centralizada em torno de uma descrição específica de Lázaro demonstra, em última instância, o posicionamento não assumido da instituição jornalística que a fez circular.

Observou-se também uma recorrência de vozes, incluindo a forma de discurso nessas mesmas vozes. É o que acontece com a voz atribuída à polícia, enquanto instituição. Em todos os casos, tem-se fragmentos de conclusões ou juízos de valor atribuídos à polícia ou policiais de forma distanciada, sem concretude sobre a coleta e a checagem dessas informações. Desse modo, criou-se uma afirmação colocada como proveniente de uma fonte extremamente confiável, que é a segurança pública, mas ao mesmo tempo, como não há um discurso direto nem a personalização de autoridades deixou-se distante a materialidade dessas alegações. Nesse sentido, vale observar que o policial, enquanto autoridade, quando faz um julgamento sobre o perfil do criminoso, mas não apresenta dados comprovados, tão somente descrições rasas e adjetivações; isso nada mais é do que o exercício claro de uma relação de poder. A palavra do policial, ao ser incluída como voz dentro das matérias, garante ao texto um status de confiabilidade. Ainda que a proposição seja rasa, o lugar de fala exercido pela autoridade policial é suficiente para naturalizar essa visão, uma vez que:

Tanto a violência estrutural quanto a violência simbólica necessitam da relação de dominação, das relações de classes antagônicas e hierárquicas. Elas são exercidas pelas classes dominantes sobre as dominadas, pelos detentores do poder sobre os que estão submetidos a ele (Han, 2017, p. 165).

Chama atenção na Matéria 1 a inclusão de uma voz atribuída ao próprio criminoso, até então foragido. A matéria chega a citar duas falas, em momentos diferentes, que teriam sido proferidas por Lázaro. Em seguida, a redatora do texto, explica que as afirmações foram repassadas pelas autoridades e que, estas por sua vez, colheram essas declarações por meio de vítimas. Essa dupla retextualização dificulta a compreensão na própria matéria ao tempo em que deixa margem sobre a sua veracidade. Observe:

Matéria 1 | Metrópoles

Segundo a Polícia Militar de Goiás (PMGO), Lázaro **alega** estar possuído por um espírito. Ele **também teria dito** que “**vai levar o tanto de gente que puder**”. Conforme o tenente Gerson de Paula, Lázaro **seria** integrante de uma seita.

Já na Matéria 2, destacam-se a presença de duas vozes em específico: o pai de Lázaro e a sua vítima de estupro (crime ocorrido em 2009, pelo qual o criminoso foi condenado). O pai do criminoso acrescenta um discurso de credibilidade à tese construída nas matérias sobre a falta de humanidade em Lázaro. Sobressai, portanto, o posicionamento de descrença na recuperação do filho, acompanhado de temor pela sua segurança e de sua família. Para além disso, ressaltou o sentimento de vergonha paterna, presente no discurso do pai: “Esse monstro, eu registrei, mas quando as pessoas falam ‘o seu filho’, aquilo me

estremece todo. Não dá vontade nem de ficar mais na Terra. Eu estou arrasado. Se eu vê-lo por aí, eu nem conheço mais". É mais um trecho estratégico selecionado pelo jornalista redator.

Ainda na Matéria 2 é válido salientar o papel crucial da voz paterna mobilizando um discurso religioso: "O demônio se apoderou dele". Essa seria a fala do pai que concluiu que seu filho, de fato, não é mais um ser humano tão somente, mas estaria sob a influência de forças sobrenaturais. O discurso religioso, nesse sentido, foi usado para legitimar a descredibilização de Lázaro enquanto ser humano responsável pelos seus atos, uma característica que também está conectada com o discurso médico no diagnóstico da psicopatia. Isso significa que a cobertura jornalística aliou ao menos dois discursos em uma argumentação desqualificadora sobre Lázaro.

A seguir, um trecho de relato presente no *corpus*, em discurso direto, da vítima de estupro em que Lázaro agiu em parceria com o próprio irmão Deusdete, no ano de 2009. Confira tal qual o texto da matéria:

Matéria 2 | Pragmatismo Político

"Eles estavam vigiando a nossa família tinha uns 15 dias, o Lázaro e o Deusdete. Eles invadiram a nossa chácara umas duas horas da manhã, se não me engano num domingo. Com **arma, faca, muita violência. Muito cruéis**. Creio serem **torturadores natos**, agiam há muito tempo. O Deusdete bem mais violento que o Lázaro na época. **Subjugava a gente o tempo todo. Batia. Pediu para tirar a roupa**, prendeu a gente no banheiro. E simplesmente eles me escolheram, me sequestraram, me levaram para o córrego, para o mato. **E lá me violentaram, me xingaram, me bateram com a arma. Muito bárbaros**. Não era para estarem soltos", contou.

O relato da vítima é a fala mais contundente que descreve a conduta criminosa de Lázaro. A vítima acrescenta, portanto, uma narrativa que, ao contrário de outras matérias, é mais específica nos procedimentos do crime. Ela ratifica a violência atribuída ao criminoso em 2021, mas em nenhum dos fragmentos dessa voz há qualquer conotação de um discurso religioso. Destaca-se ainda a última fala da vítima, quando afirma "Não era para estarem soltos", veja que o senso de justiça implicado no discurso de uma vítima de crime hediondo, como é o caso do estupro, está transparente quanto a justiça social, representada no Brasil por meio do cárcere – privação de liberdade. É importante perceber esses aspectos, pois o justicamento é um imaginário emergente na cultura brasileira, especialmente reforçado pelos preceitos defendidos politicamente pela extrema direita. Por outro lado, o clamor pela justiça implica na manutenção e garantia de uma cidadania com a justa repressão de cada crime.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como uma sociedade trata seus cidadãos revela muito sobre a sua própria estrutura. Este artigo não teve o intuito de inocentar Lázaro, ao contrário, reitero que se tratava de um criminoso perigoso – condenado e fugitivo das autoridades. O que ressalto, nesse caso, é a espetacularização midiática de um indivíduo, sustentada por gatilhos que fomentam discursos de ódio. O que se viu pela aplicação das categorias, significado de palavras e intertextualidade, foi que o jornalismo brasileiro resgatou práticas discursivas arcaicas. Desconsiderando as mudanças sociais, a imprensa baseou a sua cobertura em aspectos pouco concretos, mostrou desleixo ao inserir especulações e não dados apurados e verificados e, além disso, criou um perfil do criminoso associado a algo sobre-humano/grotesco/exótico.

Em um país com altos índices de criminalidade, um racismo estrutural e a desigualdade social presente em todas as suas regiões é um ato criminoso fomentar o ódio. Há de se salientar também a falta de ética profissional quando se provoca o medo em uma população já fragilizada. É nesse contexto que os discursos jornalísticos, em torno de casos como o de Lázaro, precisam ser repensados. As escolhas feitas na constituição das matérias propagaram a imagem não apenas de um criminoso, mas um ser demoníaco que pode e deve ser eliminado da sociedade.

Vale destacar o apelo ao discurso religioso, que mobiliza o confronto entre o bem e o mal, no qual o lugar “mal” é ocupado mais uma vez por uma pessoa negra. Seria Lázaro associado à prática de ocultismo, monstruosidade e violência sobre-humana se fosse um homem branco, classe média alta e olhos claros? Os jornalistas conseguiriam extrair falas tão apelativas de um pai pertencente à classe média alta? Nesse sentido, é papel da ciência lembrar que estamos em um novo momento social e que essa sociedade já não pode mais aceitar construções discursivas retrógradadas nas notícias, bem como não se pode aceitar passivamente a legitimação diária de tantos preconceitos. Assim, o papel da ADC nesse recorte é apenas um começo que deve extrapolar as linhas desta breve análise rumo a uma nova prática social, efetivamente, transformadora.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, M. Del P. T.; RESENDE, V. de M. Justiça em rede: direitos humanos e efeito midiático. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, v. 14, n. 01, p. 7-27, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/35719>. Acesso em: 14 dez. 2022.
- BESSA, D.; SATO, D. T. B. Categorias de Análise. In: BATISTA JR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de (org.) **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não-linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. p. 124-157.
- CARVALHO, D. W.; FREIRE, M. T.; G. VILLAR. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 31, n. 5, p. 435-438, 2012. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/9322>. Acesso em: 04 jan. 2022.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. 2. ed. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- HALL, S. et al. A produção social das notícias: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, N. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 1993. p. 112-133.
- LAGES, N. **Estrutura da Notícia**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- MAGALHÃES, I. Introdução à Análise de Discurso Crítica. **Revista Delta**, v. 21, n. 03, Edição Especial, p. 1-9, 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/37759/0>. Acesso em: 23 jan. 2022.
- MARTA, L. Violência velada: discurso da massa Robotizada. In: MODENA, M. R. (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 57-174.
- SÓLIO, M. B. Violência: um discurso que a mídia cala. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 11, Novo Hamburgo, 2010. **Anais...** Novo Hamburgo: Intercom,

2010. p.1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-1179-1.pdf>. Acesso em: 23 jan.2022.

SOUSA, J. P. **Elementos de jornalismo impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

RAMIREZ, G. Psicopatia: o que é e como identificar um psicopata. **Revista Tua Saúde**, 2021. Disponível em: <https://minutosaudavel.com.br/psicopatia/>. Acesso em: 25 jan. 2022.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. C. V. S. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n.1, p. 185-207, jul./dez. 2004. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/307/323. Acesso em: 03 fev. 2022.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

TUZZO, S. A.; CIRINO, J. A. F. Cobertura do caso *Serial Killer* de Goiânia: o espelho virou lupa? **Revista Esferas** – a violência discursiva, v. 02, n. 07, p. 37-46, 2016. DOI: <https://doi.org/10.31501/esf.v2i7.5709>. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/5709>. Acesso em: 10 jan. 2022.

VAN DIJK, T. A. **Discurso, Notícia e Ideologia**: estudos na análise crítica do discurso. Tradução de Zara Pinto-Coelho. Ribeirão: Edições Húmus, 2017.

VERNER, A. Valores-Notícia e critérios de noticiabilidade na web: a presença da audiência e a necessidade de uma (re)discussão teórica. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA PARA PUBLICAÇÕES EM JORNALISMO, Paraná, 2019. **Anais...** Paraná: UFPR, 2019. p. 1-14. Disponível em: https://institucional.unisecal.edu.br/wp-content/uploads/2019/08/PubliJor_Afonso_Verner.pdf. Acesso em: 04 jan.2022.

Artigo recebido em: 08/03/2024
Artigo aprovado em: 20/05/2024
Artigo publicado em: 26/06/2024

COMO CITAR

OLIVEIRA, J. R. de. A comunicação violenta da violência: uma análise de discurso crítica sobre o caso Lázaro Barbosa. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 13, p. 1-20, e02411, 2024.